

MÍDIA, RELIGIÃO E GÊNERO: COMO O DISCURSO RELIGIOSO CONTRA A HOMOSSEXUALIDADE É PROPAGADO NO FACEBOOK

Media, religion and gender: how the religious discourse against homosexuality is propagated on Facebook

Media, religión y género: cómo el discurso religioso contra la homosexualidad se propaga en Facebook

Vângela Maria Isidoro de Moraes¹

Josué Ferreira Gomes^{2, 3}

RESUMO

Este artigo busca mostrar como os campos da Religião e Gênero se tencionam dentro da mídia, especialmente na rede social, a partir da veiculação de uma cena de sexo gay da telenovela "Liberdade, Liberdade". Os Estudos Culturais e da recepção, pautados em Jesús Martín-Barbero e outros teóricos da América Latina e Brasil, norteiam os resultados apresentados. Partimos do princípio da convergência e como ele afeta os campos sociais. Discutimos como a novela é um produto bastante consumido pela sociedade, como se torna notícia para um portal de comunicação e, por fim, estendendo-se ao Facebook. Mostramos a construção socioreligiosa, como ela interfere na decisão do receptor, bem como o induz a propagar discursos discriminatórios e preconceituosos, ferindo a própria essência da religião.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Religião; Homossexualidade; Recepção; Facebook.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2013), mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003), graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1993). Professora de jornalismo na Universidade Federal de Roraima. E-mail: vangela.morais@ufr.br.

² Estudante de Graduação em Comunicação Social/Jornalismo, na Universidade Federal de Roraima. E-mail: josueferreiragomes1@gmail.com.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal de Roraima (Campus Paricarana), Avenida Capitão Ene Garcez, 2413, Aeroporto – 69310000 – Boa Vista, Roraima, Brasil.

ABSTRACT

This article seeks to show how the fields of Religion and Gender are intended within the Media, especially in the social network, from the placement of a gay scene from the telenovela "Liberdade, Liberdade" ("Freedom, Freedom"). Cultural and reception studies, based on Jesús Martín-Barbero and other Latin American and Brazilian theorists, guide the results presented. We start from the Convergence principle and how it affects others social fields. We discussed how the novel is a product very consumed by society, as it becomes news for a communication portal and, finally, extending to Facebook. We show the socioreligious construction, how it interferes in the receiver's decision, as well as induces it to propagate discriminatory and prejudiced discourses, hurting the very essence of religion.

KEYWORDS: Media; Religion; Homosexuality; Reception; Facebook.

RESUMEN

Este estudio intenta mostrar como los campos sociales de la Religión e Género entran en conflicto dentro de la media, especialmente en la red social, a partir de una escena de sexo gay de la telenovela "Liberdade, Liberdade". Los Estudios Culturales y de la recepción de Jesús Martín-Barbero y otros teóricos de Latinoamérica y Brasil, nortean los resultados presentados. Empezamos la discusión hablando acerca de la convergencia y como afecta los demás campos sociales. Discutimos acerca de la telenovela como producto bastante consumido por la sociedad brasileña, como ella se torna noticia al portal de comunicación e, llega a las redes sociales. Mostramos la construcción socioreligiosa, como ella interfiere en la decisión del receptor, así como lo conduce a propagar discursos discriminatorios y prejuiciosos, rompiendo con la esencia de la religión.

PALABRAS CLAVE: Media; Religión; Homosexualidad; Recepción; Facebook.

Recebido em: 31.07.2017. Aceito em: 20.08.2017. Publicado em: 30.08.2017.

A convergência da Mídia

Em seu livro *Cultura da Convergência* (2009), Henry Jenkins descreve um processo de transformação tecnológica que o universo começa a viver. São novas máquinas com poderes de propagação de informação não antes vistos, mas presumidos por grandes teóricos da comunicação. Os papéis do produtor e consumidor de notícias passam por readaptações. Convergir seria “a moda da vez”. São meios de comunicação dando espaço a novos meios. Outros se readaptando as mudanças e delimitando ainda mais seu público alvo.

Os caminhos para transmitir uma mensagem ao receptor têm ganhado novas formas. As ferramentas que atingem um grande público em pouco tempo se impregnaram no jornalismo diário. A “transmídia” ganha destaque no cenário midiático, já que narra os fatos por meio de diversos mecanismos comunicacionais, principalmente pela internet, onde as mídias digitais têm sido tratadas como o diamante do jornalismo

em se tratando de disseminação de informações.

Essa mudança tecnológica estaria dentro do que Jesús Martín-Barbero (1997) chama de tecnicidade, uma das mediações que o teórico propõe para um novo modelo de comunicação. Além do emissor, mensagem e receptor, o autor introduz a cultura no trajeto da produção, do texto até o receptor, reinventando, assim, os moldes da recepção a partir de uma visão voltada não mais aos meios, como sempre havia sido, mas sim àqueles que usufruem dos produtos midiáticos.

Nesse sentido, a tecnicidade não pode ser vista somente como possibilidade de fazer o agora de maneira mais rápida. Ela está além dos aparatos da técnica, pois o que ocorre é uma “sedimentación de saberes y dimensión constitutiva de las prácticas”⁴. Não se trata pura e simplesmente da tecnologia, mas sim das alterações que as mídias

⁴ Texto de Jesús Martín-Barbero disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/seminario/bibliografia/Jesus-Martin-Barbero.pdf>. Acesso em: 19 jul 2017.

digitais provocam na produção de sentido do receptor.

Compõem ainda o ciclo da comunicação a socialidade, isto é, a trama de relações constituídas no cotidiano que fixa os processos de comunicação e constituem os sujeitos e suas identidades; a institucionalidade sendo o cenário, portanto, que constrói a relação mais próxima entre produção e recepção (JACKS, 2008, p. 21); e a ritualidade como construtora de rotinas dos sujeitos, ou seja,

conecta de maneira ambivalente os formatos industriais às competências de recepção, trata das rotinas, das regras construídas a partir da combinação dos diferentes tempos nos distintos espaços (SANTI, 2016, p. 36).

Essa “entrada pela porta dos fundos”, ou seja, entender a comunicação sob a ótica da recepção, partindo do receptor para os meios, levando em consideração a alça cultural que envolve o indivíduo, faz o esforço de entrar na cabeça das pessoas e compreender um pouco do que é modificado na maneira de pensar, agir e se comportar.

A convergência está ocorrendo [...] dentro do cérebro do consumidor [...] A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação (JENKINS, 2009, p. 44).

Esse efeito “interconectivo” provocado pelas mídias digitais cria uma nova etapa no jornalismo e na sociedade: a democratização do acesso à informação. O conjunto da obra possibilita que a discussão de temas antes invisíveis na mídia, ganhe notoriedade. Se detalharmos essa readaptação do campo da mídia, notamos que o produtor e consumidor de notícias passaram a ter uma relação mais equilibrada.

Para Jesús Matín-Barbero (1997), a atividade do processo comunicativo não está tendenciada somente ao emissor. O receptor não é mais um simples decodificador da mensagem. Ele é também passa a ser produtor de sentidos. Escosteguy (2009, p. 3) diz que essa dinâmica de “esmaecimento de fronteiras” entre produção e recepção vem sendo adotada pelos próprios meios de comunicação, através do chamamento

cada vez mais crescente “dos receptores para participarem da esfera da produção”.

Assim, os meios não são mais eixo central, mas sim fragmentos de um processo em que a cultura torna-se a coluna vertebral da comunicação, interligando diferentes instituições sociais. A lógica comportamental, a partir de uma identidade cultural, leva a uma ruptura com o tradicionalismo comunicacional: emissor-mensagem-receptor.

Esse ciclo vicioso da convergência dentro da comunicação nos remete a espaços de debates cada vez mais tensionados. As redes sociais, atualmente, funcionam como extensão dos veículos de comunicação e recebem os mais diferentes tipos de usuários. Todos na sua esfera individual, utilizando os mecanismos que as redes apresentam. Além de sanar a carência e dar atenção às pessoas, essas redes possibilitam os receptores falar o que pensam. Mais do que isso, produzem uma espécie de *feedback*, o retorno das outras pessoas a partir do que foi exposto. É justamente

essa inter-relação entre os receptores que constitui os conflitos entre instituições sociais.

Sendo assim, é possível afirmar que o campo da Mídia, principalmente as mídias digitais, propicia o encontro entre outros dois campos: da religião e de gênero (homossexualidade), ênfase neste artigo. Para melhor discutirmos essa perspectiva, partimos do princípio da compreensão de que

um campo é um espaço social estruturado, um campo de força – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem dentro desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Frente ao conceito de campo de Pierre Bourdieu, entendemos que esses campos – mídia, religião e gênero – são entidades sociais formalmente constituídas e desenvolvem uma hierarquia ou organização. A participação do sujeito em uma ou mais instituições permite-lhe produzir diversos significados de acordo com cada instituição. Segundo Martín-Barbero, atualmente

não podemos compreender a comunicação sem refletir qual sua relação com a interpelação e constituição dos sujeitos, reorganização de sentidos e as identidades cidadãs (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 18, tradução nossa).

Com isso, a comunicação deixa de ser vista somente como um lugar de transmitir informações e torna-se parte intrínseca cultura.

De fato, as redes sociais democratizaram os meios. As redes sociais funcionam como um campo minado habitado por seres que não se conhecem, mas são unidos por afinidade de pensamento e, com isso, produzem e reproduzem conteúdos.

Culturalmente, cada receptor reflete e decide seu posicionamento. Sendo assim, o status de significação passa a ser traçado por diferentes concepções. O dia a dia é o ambiente central de toda a discussão, porque encontra-se desde a relação com o próprio corpo até o uso do tempo, o habitar e a consciência do que é possível ser alcançado por cada um (BRITTOS, 2002, p. 30).

Essa rotina estabelecida na vida do indivíduo religioso, leva à construção de sua matriz cultural. Com isso, a rejeição da homossexualidade no contexto religioso dentro dos espaços de debates públicos é recorrente. Entretanto, não deve ser naturalizado. No âmbito da religião, principalmente, onde valores mais nobres e humanos poderiam se estabelecer como princípios, a leitura pontual e fragmentada da Bíblia tem sido utilizada para reiterar estereótipos, preconceitos e uma gama de situações de violência, simbólica e física.

Cena de Sexo Gay em “Liberdade, Liberdade”

Essas mudanças possibilitaram o surgimento da Televisão e, com ela, as telenovelas passaram a ser exibidas. O mercado de tal entretenimento cresceu tanto que os horários nobres foram ocupados por histórias que tratam temas sociais relevantes, como a homossexualidade.

Orozco Gómez (2006, p. 12) argumenta que a telenovela tem se constituído como um dos espaços de

expresión, reconocimiento y recreación cultural por excelencia, a la vez que uno de los productos mediáticos masivos más distintivos y reconocidos de la industria televisiva (OROZCO GÓMEZ, 2006, p. 12).

Nos últimos anos, a telenovela se apropriou de novos discursos, deixando de lado os clichês e temas não relevantes e abraçou polêmicas sociais, tomando para si uma responsabilidade para além do entreter. Tais mudanças passaram a enxertar cada vez mais conteúdos considerados “não tradicionais” nas telenovelas.

Por exemplo, a cena de sexo gay entre homens veiculada na telenovela “Liberdade, Liberdade”, da Rede Globo. A trama das 23h da Rede Globo chegou às telas baseando-se a partir de outro contexto histórico, século XIX. A novela consagrou-se como a primeira da Televisão Aberta Brasileira a exibir uma cena de relação sexual entre dois homens. A cena foi exibida no dia 12 de julho de 2016, numa atuação dos

personagens de André (Caio Blat) e Tolentino (Ricardo Pereira), deixando de lado as normas da sociedade da época onde viviam.

Em seguida à transmissão da cena, o portal GShow, vitrine de entretenimento da Rede Globo, transformou a cena de sexo gay em notícia; link posteriormente compartilhado na página oficial do portal no Facebook.

Esse caminho transmidiático percorrido do entretenimento até o portal de comunicação GShow, isto é, a cena de sexo gay se tornando notícia, e, por fim, sendo compartilhada para o Facebook, nos leva, através dos Estudos Culturais e de recepção, questionar: em que medida a cena televisiva transformada em notícia mobiliza os campos da mídia, religião e gênero?

Pois, se de um lado existem pessoas que defendem a utilização deste canal para propagar tais ideologias, de outro têm aquelas que se posicionam contrárias e se manifestam por meio de comentários nas páginas destinadas a

esse conteúdo, sinalizando, portanto, o que Escosteguy (2004, p. 135) descreve como discurso comportamental, entendido como o estudo dos diferentes impactos derivados dos meios, isto é, o produto midiático é considerado uma incitação que desenvolve diversas reações nos públicos. Desta forma, quando falamos a respeito de homossexualidade, despertamos valores, crenças e tradições ligadas diretamente à religião.

Religião e Homossexualidade

Martino (2016, p. 144) afirma que a religião nunca esteve tão presente nas discussões dos Estudos Culturais, por isso, devido à evolução da contemporaneidade, as práticas religiosas precisam ser repensadas dentro do âmbito desses estudos, “para além de qualquer consideração de ordem doutrinária, dogmática ou ritual”. Segundo ele, a religião pode ser compreendida como “um fenômeno social relacionado a outros elementos constitutivos da sociedade” e, por isso, constitui “dimensões como discurso e

prática cultural a serem pensados de um ponto de vista histórico e político”.

O campo religioso tem práticas e discursos que cruzam com diferentes representações e visões de mundo. Ou seja, a religião é um influenciador determinante nas decisões individuais que acarretariam em posicionamentos coletivos massivos e fortes.

A Bíblia é tida como “palavra de Deus” e utilizada como um importante dispositivo de saber/ poder nos discursos religiosos cristãos. À medida que se configura como verdade que faz ver e faz falar os ordenamentos de uma divindade para os seres humanos, a Bíblia se torna efetivamente um dispositivo de poder na docilização dos corpos (MESQUITA; PERUCCHI, 2016, p. 111).

Percebe-se, assim, que as práticas religiosas ultrapassam as paredes dos templos, deixando de serem discussões internas de um grupo e ganham forma de práticas culturais que influenciam nas decisões políticas de toda uma comunidade.

[...] pode ser entendida como um vetor de monta em muitos espaços e momentos do cotidiano desde a discussão e a tomada de decisões políticas, influenciando nas relações internacionais, até as práticas cotidianas, propondo códigos de conduta social no espaço público e regulando os usos do corpo e

das relações afetivas no âmbito privado (MARTINO, 2016, p. 145).

Em se tratando de comunicação, não há mudanças no processo de midiatização da religião, mas sim na perspectiva da recepção do texto religioso no ambiente individual. Uma formulação que direciona para a circulação como um novo lugar em que se encontram as técnicas de produção de sentido e aquelas produzidas pelos receptores, enquanto atores sociais (GASPARETTO, 2009, p. 215).

É inegável que as igrejas, em especial a Católica, sempre tiveram um papel social decisivo. Um exemplo é a colonização de terras brasileiras. Durante esse processo, os religiosos levaram estilos de vida a muitos lugares através de ensinamentos bíblicos. Atualmente, as igrejas cristãs continuam realizando seus trabalhos para se manter como instituições religiosas, políticas e essenciais para a sociedade.

Os templos religiosos parecem acompanhar a cultura da convergência. Assim como os veículos de comunicação,

as igrejas têm se adaptado à era tecnológica, investindo cada vez em estruturas luxuosas e cheias de adeptos. A fé se tornou um produto à venda.

Como um campo, a religião tem suas regras e leis, regidas pelas sagradas escrituras e interpretações pessoais transmitidas aos seguidores religiosos. Dentre esses discursos pregados, a homossexualidade sempre foi vista pela religião como algo contrário ao que Deus criou. "Só existe homem e mulher", "Deus abomina a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo", "Adão e Eva foi criado; não dois Adão ou duas Eva", são frases pronunciadas por religiosos que proferem palavras que vão de encontro às orientações sexuais dos indivíduos. Discursos alarmantes que condenam o amor entre pessoas do mesmo sexo entram em conflito com o "amar ao próximo como a ti mesmo", mandamento deixado por Cristo para ser praticado.

Esse discurso de "não à homossexualidade" ou quaisquer outros temas que a igreja resolva abordar, tem adentrado o campo midiático. Os

púlpitos (local de pregação do ensinamento) estão presentes em grandes canais de televisão, portais de notícias e redes sociais. Os ensinamentos religiosos são pregados às câmeras. Os fiéis são desconhecidos.

Essa religião midiaticizada aponta para mudanças estratégicas nos próprios modos de funcionamento do campo religioso. Exemplo disso é que hoje os templos são organizados e reestruturados para munir e alimentar um complexo sistema de produção de sentidos sobre os credos. No interior dos templos há telões, alto-falantes, sistemas integrados entre diferentes mídias: rádios, canais de televisão, websites, etc. (BORELLI, 2010, p. 3).

Se observarmos por uma perspectiva midiática, a religião está mais presente na sociedade e propagam discursos discriminatórios e preconceituosos contra o campo de gênero, especialmente à homossexualidade. Com isso, diversas identidades estabelecidas culturalmente entram em conflito com outras identidades, gerando as tensões entre esses dois campos.

Gênero: do feminismo à homossexualidade

Guacira Lopes Louro (2008) enfatiza o termo gênero na perspectiva que muitos teóricos dos estudos culturais também fizeram: problematizar gênero a partir do feminismo. A lógica de observar pelas janelas dos estudos culturais o gênero debruçando-a sobre o papel da mulher na sociedade nos instiga a ampliar o tema de gênero, desembocando a discussão sobre a homossexualidade.

Escosteguy e Sifuentes (2011, p. 4) dizem que tratar desse campo é remeter “às noções de relação, diferença e multiplicidade”, ao mesmo tempo em que deve ser levada em consideração a procura por “desestabilizar o determinismo biológico, uma noção de universalidade e de essência”.

Ao aproximarmos essa vertente do gênero à religião, percebemos como as ideias de masculino e feminino estão presentes no macrocosmo (BOURDIEU, 1997), ou seja, num campo maior que abrange todos os outros. Os diversos

estilhaços que remontam o caminho para compreender o campo de gênero a partir de uma visão cultural auxiliam na interpretação e na circularidade que o estudo da recepção reivindica.

Estudar gênero sobre a perspectiva da homossexualidade é permitir que a caminhada estenda-se além do superficial “homem e mulher”. São essas novas hipóteses de ser humano que caracterizam as pesquisas em gênero ainda mais interessante. Trata-se de uma necessidade da sociedade contemporânea.

O campo de gênero é sempre polêmico porque mexe com as estruturas sociais conservadoras e vão de encontro com os princípios religiosos. Justamente as redes sociais ampliaram essa discussão sobre gênero, buscando diminuir as disparidades existentes entre os campos da religião e gênero. Ou seja, a democracia em defender o seu campo está presente na religião e na comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Ambos os campos têm agentes sociais dentro das redes que,

respeitando às leis sociais [embora isso nem sempre aconteça], defendem esses espaços. São movimentos sociais aglomerados dentro desses espaços que buscam defender ideais.

As redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados [...] – e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos, o encontro e o confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural (SCHERER-WARREN, 2006, 115-116).

Nesse contexto, a figura do homem e mulher ultrapassa o campo da ciência e é ensinada também a partir de uma perspectiva religiosa. Entretanto, essa visão começa a ser desconstruída à medida que novas formas de relacionamentos vão surgindo. Tornou-se, assim, necessário ampliar o leque de discussão sobre gênero e seus mais diversificados ramos. É a árvore do gênero tendo os frutos modificados. Não é preciso desconstruir conceitos, mas sim readaptá-los.

Louro (2007) parte do princípio que essas discussões são provocadas a partir do intolerável, que muda de significado de

indivíduo para indivíduo. O que para muitos seria intolerável, para outros estaria confortavelmente dentro do campo da aceitação, no âmbito do comum ou "normal".

Bourdieu (1999), em seu livro *A Dominação Masculina*, descreve que a maior diferença dos gêneros masculinos e femininos está no corpo, mais especificamente nos órgãos sexuais. É a força masculina como característica do homem e a delicadeza definindo a mulher. Se antigamente não debatíamos sobre as novas formas de relacionamento a partir de uma lógica midiática, atualmente discutir tais assuntos é tarefa fundamental para compreender o outro.

Esse processo histórico no qual estão inseridos padrões pré-estabelecidos que é destituído a partir das novas formas de apropriação. É perceptível, assim, que as discussões sobre gênero ultrapassam as barreiras impostas pela psicologia e a medicina, buscando uma compreensão mais antropológica. É uma junção de conhecimento sobre novas formas de comportamento que resultam em

explicações fundamentadas além do senso comum. Os meios de comunicação são os principais cenários para debater e compreender esses novos comportamentos, tendo em vista que alcançam todas as classes sociais.

Os fatos imediatos do cotidiano transformados em notícia são compreendidos como "naturais", e não socialmente construídos através dos múltiplos discursos. [...] Essa perspectiva naturalizante dos sujeitos e dos comportamentos sociais por parte da mídia é o eixo que norteia a construção de sentidos sobre a representação das relações de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea (DARDE, 2008, p. 224).

Discussão e Resultados

Nossa intenção é tentar mostrar que, devido à cultura religiosa impregnada na sociedade brasileira, existem tensões entre os campos de gênero, especificamente a homossexualidade, e a religião. A publicação na página oficial do Portal Gshow, no Facebook, foi feita no dia 12 de julho. Por se tratar de um assunto polêmico, o post ganhou notória repercussão.

comentários na própria rede social, o Facebook.

Tabela 1 – Dados da publicação no Facebook

Principais dados	
Curtidas	16.510
Comentários	1.692
Compartilhamentos	1.359

Fonte: Autor

Selecionamos quatro comentários com teor religioso apoiando e condenando a cena de sexo gay. Trazemos algumas expressões que tomam peso de categorias baseando-as nos discursos predominantes nos comentários. É possível verificar como se aproximam as lógicas da produção e da recepção dos conteúdos, como característica de empoderamento do sujeito receptor no ciberespaço. Refletimos ainda sobre os limites e as dificuldades dessa interação proporcionada pela nova reestruturação da comunicação, a partir da análise dos

- **Família Tradicional**

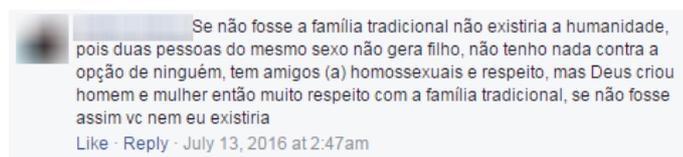


Figura 1 – Deus criou homem e mulher
Fonte: Autor

De vinculação religiosa, o termo mais presente nos comentários feitos na postagem sobre a cena de sexo gay é “família tradicional”. A ideia de que Deus constituiu a família a partir da criação de Adão, feito do barro, e Eva, da costela de Adão, está presente até hoje na humanidade. O pensamento cristão é o principal argumento para não aceitar a homossexualidade como constituição de relacionamento e, sobretudo, família.

A não procriação é artefato para dizer que a relação entre pessoas do mesmo sexo não traria ‘frutos’ para que a descendência da humanidade continuasse. Mesmo havendo rejeição das

práticas consideradas não heterossexuais, a homossexualidade “está rompendo com os limites convencionais definidores da instituição familiar” (MELLO, 2005, p. 200).

Entretanto, é preciso lembrar que a família tradicional brasileira, constituída por um homem (pai), uma mulher (mãe) e os filhos, não deixa de existir. Mas não pode ser vista como único modelo de família. O argumento da não procriação é válido. Afinal, a ciência é clara: homem não pode ter filhos. Contudo, uma família não pode estar dependente deste requisito para ser família. Constituir-se em um grupo familiar é uma decisão que envolve diversos fatores diretamente ligados à cultura.

O comentário exige respeito. Contudo, não saber respeitar o espaço do outro, em termos de lógica, é o caminho para que não seja respeitado. Exigir algo que não está disposto a oferecer é contraditório. A partir do momento que o sujeito religioso comenta na postagem sobre a cena e não possibilita que haja uma conversação, ele automaticamente

cria uma imagem de um ser intolerante, mal-educado, ignorante e homofóbico.

- **Amar a todos**

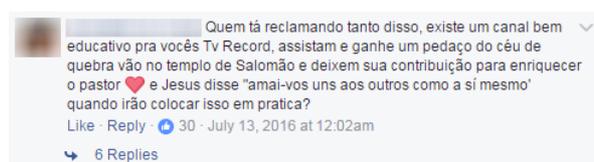


Figura 2 – Colocando o amor em prática
Fonte: Autor

Usando da própria religião, diversos comentários trazem a passagem bíblica do livro sagrado de Marcos, capítulo 12, versículo 31, que diz: “amarás o teu próximo como a ti mesmo, não há outro mandamento maior do que estes” como respaldo para que a relação entre pessoas do mesmo sexo esteja pautada no amor que Jesus Cristo pregou. O amor é descrito por centenas de pessoas como o sentimento mais importante acima de qualquer denominação cristã e identidade de gênero. É propriamente o amor que une as pessoas.

A ironia vinda do homossexual para o religioso alimenta o campo de

tensões (isso o conteúdo do comentário deixa evidente). Se por um lado temos o religioso exigindo respeito, condenando e distinguindo a cena como feia; por outro o homossexual demonstra amor e sugere ambientes “mais cristãos” (outro canal televisivo). Com isso, é perceptível que o encontro das representações não é pacífico, tampouco consensual, mas sim conflituoso, pois se cada indivíduo se compreende de uma determinada forma, “a legitimação de uma identidade passa pela desqualificação de outras” (BELLOTTI, 2004, p. 104).

O questionamento **“quando irão colocar isso em prática?”** diz respeito à falta de amor que a religião, nesse contexto, tem para com os homossexuais. Quando religiosos proferem palavras de condenação, eles estão ferindo a própria doutrina. O amor nos permite pregar a palavra de Deus sem ter que menosprezar a imagem do gay. Fazer esse questionamento é como se perguntasse: “é assim que você se ama?”. Como poderia alguém amar ao próximo como a si mesmo denegrindo sua imagem?

- **Coisa Diabólica**

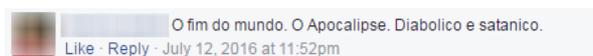


Figura 3 – O Diabo como influência
Fonte: Autor

A comparação das práticas homossexuais com coisas malignas está presente nos comentários de forma avassaladora. Religiosamente, como discutido, ser gay é não usufruir da bênção de Deus. O Diabo seria, então, quem conduz as ações homossexuais, o ser que monta o caminho para o pecado da prostituição. Logo, tudo que é diabólico é contrário a Deus. Com isso, os homossexuais são produtos diabólicos e precisam de libertação.

A “endemonização” do comportamento e da orientação sexual dos *gays* e lésbicas é resultado da doutrina pentecostal que associa todas as expressões do mal, particularmente os desvios morais às influências de forças sobrenaturais malignas. A atração por parceiros do mesmo sexo biológico é, portanto, um desdobramento da interferência negativa do diabo na personalidade do indivíduo (MACHADO, 1998, p. 285).

Sendo assim, a cena de sexo gay contribuiria para o desaparecimento da humanidade, a destruição da terra. Como

a homossexualidade é de ordem pecedora, logo a proveniência maligna é designada pelos religiosos. Logo, o gay não é fruto de escolha, orientação sexual, identidade de gênero ou quaisquer variáveis que não esteja vinculada a possessão de demônios. Ser gay é ter seres malignos te acompanhando todo o tempo e designando suas práticas.

Estereótipos e arquétipos construídos socialmente. Tudo aquilo que não condiz com os ensinamentos religiosos são considerados desvios para o mal. E, caso um indivíduo religioso cometa algum desses delitos, é disciplinado (afastado das atividades religiosas por determinado período de tempo). Esta etapa disciplinar constitui um sujeito mais resistente ao pecado. Por essa vereda o homossexual teria que passar. Para ser totalmente aceito dentro da religião, o gay precisa renascer da água e do Espírito. É a única condição para que seja visto como normal e aceitável.

- **Deus não faz acepção**

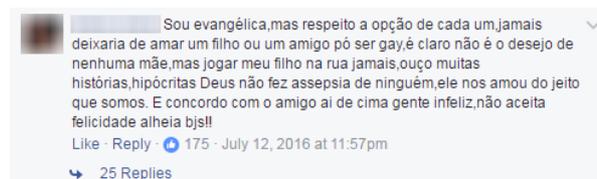


Figura 4 – O evangélico que respeita
Fonte: Autor

Neste comentário a explicação é de cunho religioso para apoiar tanto a cena de sexo gay quanto a homossexualidade. **“Sou evangélica”** mostra que a construção do discurso, por mais que seja enraizada na religião, apresenta uma visão diferente do tratamento do religioso para com o gay. Esse efeito mostra a diversidade cultural que o Cristianismo na sociedade (MONTERO, 1996, p. 30). Neste comentário, é notório que o processo de significação parte de outra matriz cultural. Mesmo o sujeito sendo evangélico, ele observa a homossexualidade diferente do tradicionalismo religioso.

Essa é uma das características do cotidiano, do espaço público. Ele funciona como um fluxo constante de novas identidades e discursos pautados na razão. Através dos produtos culturais, neste caso a publicação sobre a cena de

sexo gay, circulam modelos de realização, a valorização de comportamentos, de série de identidades (*gay*, negro, rural, mulçumano) a partir dos quais se operam, em uma mescla constante de “racionalidade e de afetos, processos de construção de coletivos, de combinações de ‘eu’ e de ‘nós’” (MATTERLART; NEVEU, 2004, p. 110).

A matriz cultural do sujeito vincula a homossexualidade ao amor, e o amor a Deus. Logo, o homossexual também seria amado por Deus. A própria relação de amor entre pessoas do mesmo sexo não é distinta a heterossexualidade. O significado criado a partir de uma cultura mais aberta às transformações sociais é resultado de diferentes relações criadas entre o sujeito e o meio social. Pode-se afirmar que, neste contexto, a homossexualidade passa a ser vista como normalidade.

Considerações Finais

Da telenovela para os portais. Buscamos entender a transição de cenas fictícias para a realidade social. Como

essas gravações ganham espaço no webjornalismo, proporcionam repercussão nos diversos desníveis culturais (SANTI, 2016, p. 75) e causam conflitos entre os campos da religião e gênero. O jornalismo mudando conforme a tecnologia e reinserindo temas como a homossexualidade nas suas entrelinhas. As redes sociais como potencializadores desse modelo de comunicação, permitindo a manifestação de diversas culturas por meio de seus agentes sociais.

Os Estudos Culturais e da recepção são fundamentais para estudar tais temas, pois a recepção, mais do que nunca, passa por modificações. São esses estudos que avaliam como esses campos se tencionam, bem como os receptores se comportam e constroem sociculturalmente seus posicionamentos. Com isso, a cultura torna-se não só o eixo central da moderna comunicação – em especial a recepção –, mas também é um gigante social que influencia grande parte das decisões dos indivíduos.

Vimos que a religião é, sem dúvidas, uma instituição social que

interfere na construção de sentido dos indivíduos. Ela usa do poder histórico para burlar o gay, a homossexualidade, e ferir as tentativas de rupturas com seus dogmas. Portanto, mesmo a religião apresentando e alimentando valores fraternos, de solidariedade e amor como leis maiores dentro da própria instituição, a Igreja, os comentários na postagem envergam-se sob uma perspectiva discriminatória e preconceituosa sobre os gays. Além disso, difundem uma cultura retrógrada que ataca, rejeita e proíbe em sua totalidade a homossexualidade.

Referências

BELLOTTI, K. K.. Mídia, Religião e História Cultural. **REVER (PUCSP)**, v. 4, p. 96-115, 2004.

BORELLI, Viviane. Comunidade de Recepção e os Sentidos do Religioso e do Midiático. In: **Compós - PUCRJ**, 2010, Rio de Janeiro. Anais do XIX Encontro da Compós, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

BRITTOS, Valério Cruz. **Recepção e TV a Cabo: a força da cultura local**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

DARDE, V. W. S. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação (UFRGS)**, v. 14, p. 223-234, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; Sifuentes, L.. As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia: apontamentos teóricos. **E-Compós (Brasília)**, v. 14, p. 1-13, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. In MACHADO, J.; LEMOS, A.; SÁ, S. (Orgs.). **Mídia. BR**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 130 -144.

_____. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre produção e recepção. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **E-compós**, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova**. Tese de doutorado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2009.

JACKS, Nilda; Silva, Lourdes. Recepção de telenovela: a pesquisa brasileira ao nascer do século XXI. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 8-9, p. 252-262, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. Tradução Susana Alexandria. – 2a ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista (UFMG)**, v. 46, p. 201-218, 2007.

MACHADO, M. D. C.. Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDs. **Cadernos Pagu (UNICAMP)**, Campinas, v. 11, p. 275-302, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. Pistas para entre-ver medios y mediaciones. **Signo y pensamiento**, n.41, v.21, p.13-20, 2002.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Mídia e Estudos Culturais: identificando diferenças a partir de Stuart Hall. **Matrizes (USP. Impresso)**, v. 10, p. 143-157, 2016.

MATTELART, Armand e NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004. 215 p.

MELLO, Luiz. Outras famílias: A construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. **Cadernos Pagu**. vol. 24, jan./jun. 2005, pp.197-225.

MESQUITA, D. T; PERUCCHI, Juliana. Não apenas em nome de Deus: Discursos religiosos sobre sexualidade. **Psicologia e Sociedade**, 28 (1), 2016.

MONTERO, P.. Cultura e democracia no processo de globalização. **Novos Estudos**. CEBRAP, São Paulo, v. 44, p. 23-35, 1996.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La telenovela en Mexico: ¿de una expresión cultural a un simple producto para la mercadotecnia? **Nueva época**, núm. 6, julio-diciembre, 2006.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Mediação e Mídia: Conexões e Desconexões na Análise Comunicacional**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 21, p. 109-130, 2006.